

BIXIGA: UMA IDEOLOGIA GEOGRÁFICA

Francisco Capuano Scarlato*

A abordagem estética do mundo encerra mais do que aspectos formais, representa a possibilidade de compreendermos o nível de sensibilidade que envolve as relações do homem com este mundo.

Ao abordarmos o espaço do Bexiga através desta dimensão estaremos assumindo a subjetividade que este tratamento nos remete. Permite-nos trabalhar com a ideologia no processo de produção deste espaço, entendendo-o não somente como uma determinação histórica concreta, mas também, como uma representação "voluntária", como diria Gramsci — uma "ideologia arbitrária". Se quisermos compreender o processo de manipulação pelo qual passa o bairro do Bexiga, a imagem de um espaço produzido para ser vendido, teremos que passar pela compreensão de como os homens percebem e sentem o espaço, o papel das crenças populares como elemento necessário de uma determinada situação. Nosso papel não é negar estas crenças, mas deixá-las transparentes na explicação do processo totalizante da História. Mais do que compreender e recolocar a sociedade como ser determinante e determinado na dialética do espaço, cabe-nos compreender, como geógrafos, o nascimento das ideologias geográficas.

O Bexiga é hoje um espaço que se vende através da mídia e de pessoas que o frequentam, envolvidos pela sua "magia". A imagem que se propaga é do Bexiga do lazer e da cultura. A segregação social e a precariedade das condições habitacionais, quando aparecem são revestidas de manifestações "folclóricas". Aparecem como algo movido por forças naturais — formando aquela "ordem natural" tão cara para os filósofos do século XVIII que influenciaram a formação do pensamento burguês, desde aquela época até os dias de hoje.

No contexto da produção ideológica, reforça-se o sentido de italianidade do bairro, como se esta ainda guardasse a mesma força da época de sua formação, como que esta italianidade pudesse ser resgatada como nos velhos tempos, "embalada" e vendida para seus consumidores.

Chamarmos para o discurso sobre o espaço do Bexiga questões de estética e tentarmos abrir a possibilidade de introduzirmos o estudo da percepção e, assim, captarmos a subjetividade do mesmo. Obviamente que não nos interessa uma abordagem estética formalista, mas aquela que nos permita

*Professor do Departamento de Geografia da FFLCH-USP

ver o espaço enquanto uma totalidade nascida de uma praxis verdadeira transformadora.

Se o homem se liberta quando é capaz de romper com a limitação imposta pela escassez na satisfação de suas necessidades, esta liberdade também passa pela satisfação do homem em realizar da forma mais bela possível, o que vale dizer: criar um espaço condizente com a condição humana; quando for capaz de criar e de sentir o espaço como sua parte integrante, onde a diversidade seja unidade e a sensação do vivido permita resgatar o sentido do belo na paisagem.

Será desta forma que nós, geógrafos, deveremos pensar a estética do espaço, sem o receio de descer ao nível da subjetividade que perpassa o conhecimento da realidade. Isto significa dizer: tirar o homem da condição de agente no espaço e do espaço e de observador passivo. Chamá-los não somente como cientistas, mas também, como artistas deste espaço. Sem esta posição teórica jamais poderemos compreender a complexidade que envolve a natureza do espaço do Bexiga. Captar os vieses entre a maneira de ser e de sentir o bairro.

O Bexiga é hoje a expressão de muitos desencontros de formas de existências que deixaram suas marcas no processo de desenvolvimeto histórico da cidade de São Paulo. Apesar de muitas mudanças sofridas, guarda, ainda, lembranças deixadas dos fins dos séculos passado e do início do atual: o traçado de suas ruas, a grande parte de suas edificações, que, apesar de alterações sofridas, foram mantidas em suas estruturas originais, ou seja: nas relações existentes entre o lote e a planta das casas.

As atividades econômicas que atualmente ocupam o bairro — serviços ligados ao lazer — contribuíram para a descaracterização de uma grande parte das fachadas originais das edificações. A deterioração dos velhos casarões, hoje transformados em "novos cortiços" revela a precariedade que nasce da baixa renda dos "novos moradores". Esta forma de deterioração está associada a ação exploradora da maioria dos proprietários daqueles imóveis que enquanto aguardam a valorização dos terrenos submetem os mesmos a uma cadeia de sublocações, abandonando qualquer perspectiva de conservação das construções. Alguns proprietários que continuam morando nos imóveis fazem das sublocações formas complementares de renda. Alugam, geralmente os comodos de frente ou inferiores para atividades de serviços ou então pequenas marcenarias etc. A quase maioria das atividades de diversões noturnas que invadiram o Bexiga estão localizadas em casas alugadas.

O bairro é um dos mais antigos da cidade de São Paulo. Seu povoamento remonta ao século XIX. Sua existência foi assinalada no início daquele século na obra de Saint Hilaire. Segundo a planta da cidade publicada por Jules Marti em 1890, o Bexiga já apresentava um traçado urbano bem próximo do atual. As ruas que aparecem na referida planta foram ocupadas por lotes de testadas estreitas, raramente ultrapassando 10 metros, porém, apresentan-

do fundos muito longos. Os italianos que nesta época eram os imigrantes que mais afluíam para São Paulo, foram os que dominaram o processo de ocupação destas quadras. Os "capomastri", homens sem diploma que aprenderam o ofício como herança de pai para filho, passaram a ocupar um lugar como construtores da cidade, que mais tarde seria ocupado pelas grandes construtoras. Assim, entre o "Baixo Piques" - hoje praça da Bandeira ou o "velho largo do Bexiga" e a atual rua Fortaleza, os italianos ocuparam seu espaço.

A nova sociedade de classes dava os contornos nas formas de uso do espaço e no perfil arquitetônico do espaço urbano. Estes moradores acomodavam suas edificações às formas alongadas dos lotes, definindo as formas arquitetônicas em função da engenhosidade criativa dos "capomastri". A ação individual norteou de forma "anárquica" as formas deste espaço urbano. No bairros aristocráticos, fazendeiros e industriais construíam grandes palacetes, nos bairros ocupados por camadas sociais de menor renda, casas alinhadas diretamente para a rua umas ligadas às outras.

No Bexiga, aquelas classes mais humildes e distantes do poder político e econômico representado pelos habitantes daqueles bairros aristocráticos, também, deixaram suas lembranças registradas até hoje, através do patrimônio arquitetônico. Detalhes decorativos e medalhões colocados nos frontais das casas, balcões e portões com ferro artisticamente trabalhados que, além dos enfeites decorativos serviam, também, para denotar a importância do seu proprietário: Estes balcões, nos dias de festas do bairro, davam um ar de nobreza para seus proprietários. Tudo demonstrava a necessidade destas camadas sociais em firmar sua identidade nas formas de uso do espaço, onde a descontinuidade de estilos e efeitos decorativos, criavam um clima romântico que preservava a escala humana entre os espaços interiores e exteriores na interação casa e rua. O conjunto de casas e sobrados, sem grandes altitudes e imposição de massas de concreto, permitia ao morador, viver um espaço onde o interior e exterior destes espaços se harmonizavam.

A década de sessenta marcou o início de novos tempos para o Bexiga. A população se viu sacudida e acordada de um longo sono. São Paulo tinha que vestir roupa nova para receber o "progresso". O estado passou a interferir cada vez mais na produção do novo espaço. O poder do estado se fez sentir não somente através dos estímulos que deu ao setor empresarial privado, fosse ele nacional ou multinacional, mas também como empreendedor aliado destes dois últimos.

Este capitalismo com crescente participação do estado no processo de urbanização, foi para o Bexiga seu "ano zero". Para colocar São Paulo em condições de abrigar estes avanços do sistema, foi necessário elaborar uma política urbana, principalmente naquilo que se relacionava à criação de um moderno sistema viário. Grandes obras de engenharia urbana foram projetadas e executadas para São Paulo. O projeto elaborado para a cidade com grandes avenidas radiais e perimetrais, vias expressas que passaram a cortar a cidade de um extremo a outro acabou mutilando o espaço do Bexiga. Inúmeras desapropriações desfiguraram sua paisagem e expulsaram parte

significativa de seus antigos moradores. Entre final dos anos sessenta e início dos anos setenta, grande parte do bairro transformou-se em um "canteiro de obras". Pelas ruas do bairro a visão que se tinha era de casas e ruas mutiladas.

O acelerado ritmo de mudanças no espaço físico veio acompanhado, também, de mudanças nos componentes sócio-espaciais. O compasso na mudança destes dois níveis da realidade geográfica apresentaram-se diferentes. O primeiro foi relativamente rápido, como produto da intervenção do planejamento acelerado imposto pela administração pública, impelida pelas transformações da sua economia.

Os primeiros anos da década de setenta já praticamente marcavam a conclusão das grandes obras de engenharia. O segundo, veio em ritmo mais lento e prossegue nos dias de hoje. Se as mudanças ocorridas no nível físico foram importantes para que ocorressem as mudanças sociais, devemos, porém, ressaltar que as segundas foram mais significativas, pois atingiram o bairro na sua essência. Em todos os depoimentos obtidos nas entrevistas durante a pesquisa, houve unanimidade em apontar aquela retirada em massa de antigos moradores pelas desapropriações como um dos grandes fatores de mudanças para o Bexiga. Antigas relações de vizinhanças foram, destruídas.

Com a industrialização que atingiu São Paulo no interior daquele capitalismo que acentuava as desigualdades sociais e regionais, a cidade viu-se cada vez mais procurada por brasileiros de outras regiões do Brasil, principalmente os nordestinos. O Bexiga pela posição geográfica e bairro central, em processo de profundas transformações nas formas de ocupação do espaço, acabou recebendo número significativo dos mesmos. A população de ítalo-paulistas que sempre fora dominante, passou a diminuir cada vez mais.

À medida que as antigas famílias abandonavam o bairro "voluntariamente" ou expulsas pelas desapropriações, aqueles nordestinos foram ocupando seus "lugares".

Para a população tradicional, a chegada daqueles nordestinos que ocuparam os antigos casarões abandonados pelos antigos moradores, passou a ser considerada como uma das causas importantes da perda da identidade cultural do bairro. Idéia esta que acabou se difundindo no interior da grande cidade. Assim, aquela população tradicional firmou um forte xenofobismo para com os mesmos, comportando-se como uma minoria retrógrada a desfaldar a bandeira do ítalo-paulistanismo.

O que aconteceu com o Bexiga é produto da natureza estrutural do nosso capitalismo, das contradições que ele apresenta a nível das relações sócio-econômicas como nos projetos de intervenções de reurbanização e não algo que tenha sua essência no interior do próprio bairro.

Fica cada vez mais difícil para o trabalhador de um modo geral, porém, mais ainda para aqueles de baixa renda poder fixar residência por muito tempo em algum lugar. Este "nomadismo urbano" que caracteriza a atual relação do trabalhador com relação ao emprego e moradia, associado à falta de habitação disponível para a classe trabalhadora veio estimulando enormemente a exploração imobiliária. Dentro desta perspectiva é que devemos entender tantas transformações ocorridas no espaço do Bexiga, uma que lhe é muito peculiar — a fragmentação e os grandes desníveis na forma de morar. O crescimento da população que vive em cortiços onde o nível da qualidade de vida torna-se cada vez mais baixo, associado ao fato de serem estes cortiços ocupados na sua grande maioria por nordestinos, levou a população tradicional a criar todo um discurso de segregação sobre os mesmos. Em todos os depoimentos verificou-se uma tendência segregacionista em relação aos nordestinos por parte daquela população. Alegam que eles vieram tirar o sossego do lugar e criar as precárias condições sócio-econômicas do bairro. O que percebemos é que existe naqueles discursos um sentimento de "usurpação" pela chegada dos mesmos.

Na falta de transparência do processo que levou a todas aquelas transformações do bairro e conseqüentemente à desestruturação da unidade cultural que permitiu até então, tiveram que criar um "bode expiatório" para a impotência frente às determinações impostas pela renovação urbana de São Paulo no interior da dinâmica de um capitalismo que se "modernizava".

O bairro presencia uma nova dialética homem e espaço. Aquelas antigas ruas e quarteirões, seus antigos casarões hoje definem novas formas de existências. Devemos procurar nesta dialética entre o habitante, a casa e a rua a essência das mudanças nas condições de existência da população deste espaço.

A casa enquanto lugar de abrigo é mais do que uma solução técnica para que o homem se reproduza como ser humano e como força de trabalho. A moradia vista enquanto um espaço "interior" representa para o habitante seu refúgio e abrigo. Porém, sabemos que entre, seu "interior" e seu "exterior" — a rua, o bairro a cidade etc. não existem limites absolutos, pelo contrário, relativizam-se. O exterior é também parte de um interior na medida que é nele que o homem urbano define-se como ser social e político. O recolhimento no interior da moradia ao invés de anular, afirma aquele espaço exterior. Assim devemos pensar a casa e a rua como componentes do espaço urbano. A produção da casa e da rua é a resposta às necessidades físicas e psicológicas do homem, colocando-se como componentes orgânicos de sua racionalidade, à medida que revela soluções formais para seus problemas. Hoje, cada vez mais, estes dois espaços tornaram-se excludentes na nossa sociedade capitalista. A residência acabou tornando-se um lugar de confinamento, em certos casos, sinônimo de "Cárcere".

Ao abordarmos o bairro do Bexiga no contexto da evolução da Cidade de São Paulo, pudemos compreender as inúmeras contradições nas formas de produção e apropriação deste espaço. O Bexiga que já foi a expressão de

uma forma criativa de buscar a liberdade na forma de morar é hoje a expressão do "trágico". Não que o mesmo não guardasse no seu interior suas contradições. Porém, a escala em que os mesmos se colocavam ainda permitia pensar soluções dentro daquela criatividade que nascia da liberdade do indivíduo com sua "comunidade".

O imigrante impelido pela vontade de aqui ficar, forjou suas raízes no bairro da forma mais sólida que o sistema ensina — a propriedade privada. Alinhavam casa por casa ao longo daquelas ruas, ocupando aqueles lotes de testadas estreitas criando aquela paisagem de casas baixas que foi por muito tempo a dominante no bairro. Representava um espaço de vivência onde o nível de integração revelava formas de vivência organicamente estruturadas. Foi neste espaço que pudemos invocar a imagem simbólica daquele italianismo do bairro — o "oriundi" e sua cadeira na calçada. Esta, era mais do que um lazer, era a expressão de uma forma de integração do seu usuário com o espaço — sentinelas da casa e da rua como sua obra e da comunidade. A sombra dos grandes edifícios ainda não havia caído sobre o bairro. As casas guardavam uma escala humana no conjunto do espaço edificado. Este ainda não havia sido mutilado pelas investidas das grandes obras e pelo processo da verticalização. Rua e casa se harmonizavam numa dialética de complementaridade. As fortes relações de vizinhanças permitiam uma maior integração do homem com seu espaço.

Bairro que na época já era desprovido de verde e de praças que na verdade não fizeram muita falta aos antigos moradores. As ruas "comunitárias" e os pomares dos fundos dos quintais compensavam aquelas ausências.

O Bexiga viveu muito tempo a vida de rua "comunitária" quando o automóvel e todas aquelas transformações viárias não haviam entrado para comprimir as calçadas e expulsar seus antigos moradores. Podemos afirmar que se vivia o Bexiga e não somente no Bexiga.

Bairro que foi fortemente marcado pela economia artesanal. Artesãos, casa e rua encerravam em si uma forma de existência. Ao mesmo tempo que a casa era o refúgio e abrigo, lugar de recolhimento, era também o lugar de trabalho voltado para a sobrevivência. Trabalhava-se com as portas e janelas abertas para a rua. Esta, estava dentro do ateliê e das oficinas. A passagem das pessoas eram imagens que se incorporavam no cotidiano dos artesãos. Diferentemente daqueles bairros aristocráticos, onde as edificações se separavam por esplêndidos jardins, o espaço urbano do Bexiga apresentava-se como uma massa humana de edificações compactas, onde a proximidade física do espaço significava também a social.

A partir do período por nós chamado de "ano zero" no qual aconteceram todas aquelas transformações, o Bexiga passou a mudar em sua paisagem e forma de viver. Paralelamente às demolições e implantação das vias expressas começou o processo de verticalização do bairro. Os antigos casarões passaram a ser demolidos para darem lugar a prédios de apartamentos voltados para uma classe média emergente. Os contrastes de escalas entre as

antigas habitações e os novos prédios criaram um quadro confuso e caótico de urbanismo. Casarões comprimidos no interior daqueles edifícios. A discrepância nas escalas quebrava toda a unidade da antiga paisagem, que mesmo na diversidade das soluções arquitetônicas criadas pelos imigrantes, conseguiu-se manter uma unidade harmoniosa.

O processo de encortiçamento ao qual já fizemos alusão não se restringiu somente aos velhos casarões. Aqueles edifícios que foram construídos para abrigar a nascente classe média não escaparam ao processo de deterioração. Hoje podemos constatar que a maioria deles abrigam uma lotação de moradores acima daquela para a qual foram construídos. Famílias numerosas de trabalhadores e "ação entre amigos" — pessoas que juntam suas economias para poderem alugar um apartamento, determinam um adensamento destes espaços. Salas que viraram quartos, janelas e terraços fronteiros que se transformaram em áreas de serviços ocupados por inúmeros varais de secar roupas. O "encortiçamento se estendeu àqueles "novos prédios".

A valorização dos terrenos e problemas de heranças das propriedades — muito comum no bairro, estimulou o processo de deterioração dos antigos imóveis. Herdeiros que abandonaram o bairro, levaram as propriedades a um processo de sublocações aguardando a valorização dos terrenos. Sobre as edificações abandonaram qualquer perspectiva de conservação, interessando-se mais com a valorização dos terrenos. Conflitos entre herdeiros criam até hoje complicados processos jurídicos dificultando a venda dos imóveis. Estes fatos associados às formas irregulares dos lotes e mais as leis que regulamentam as formas de uso do solo explicam uma "certa cautela" por parte das Campanias construtoras em investir no bairro.

A entrada dos nordestinos no Bexiga ocorreu paralelamente ao crescimento das sublocações por parte daqueles proprietários, quando o bairro, cada vez mais, passou a ser procurado como lugar de moradia desta população de baixa renda.

Este espaço representa hoje um outro bairro. Seus antigos moradores cada vez mais "enclausuram-se" voluntariamente no interior de suas residências, abandonando o convívio com a rua. O Bexiga transformou-se após a entrada das novas atividades econômicas numa "vitrine noturna". A entrada das casas de diversões noturnas, barzinhos de encontro, teatros etc, atividades voltadas para o consumo de uma clientela da região metropolitana de São Paulo, divorciou o "Novo Bexiga" da população local, visto a baixa renda da maior parte da mesma. Este divórcio atingiu tanto a população de "forasteiros nordestinos" como os antigos moradores que passaram a ver a maior parte desta atividade, principalmente os barzinhos de encontro e mesmo aquelas casas de diversões, como símbolos da "decadência dos costumes".

Assim, nas calçadas, em lugar dos seus "antigos personagens" — as cadeiras e os "oriundi", encontrados nos finais de tardes, os automóveis. Quem olha para as fachadas das casas que sobrevivem, encontra nas mesmas, sinais de mutilações; desfiguração dos desenhos originais para abriga-

rem as novas atividades. Letreiros improvisados, janelas e portas alteradas. O bairro parece um amontoado de fragmentos arquitetônicos e de serviços desqualificados — um mundo de "miudezas". Coisas que parecem em ruínas e provisórias. Para os antigos moradores a rua ficou do "lado de fora". Aquela unidade — casa e rua foi quebrada.

O Bexiga é hoje um bairro exótico onde se consomem "produtos embalados". O velho em ruínas "travestido de antigo". Um "tradicionalismo de muletas". Seus moradores transformados em "folclore". Sua atual presença é cada vez mais a comprovação de sua ausência. Um mundo do imaginário para aqueles que por uma razão ou outra, revitalizam as atividades economicamente lucrativas para "ressuscitá-lo". Criar uma ideologia do "Bixiga" seja para auferir ganhos ou mesmo para justificar uma existência passada.

Quando perguntamos: Bela Vista, Bexiga ou Bixiga sentimos a síntese das contradições históricas e as mistificações que envolvem o bairro. Nem Bela Vista nem Bexiga, mas sim "Bixiga". Simples jogo de palavras? Não. Apenas uma necessidade de ressuscitar aquele italianismo que agoniza com alguns poucos moradores — expressão sonora para caracterizar a forma de falar Bexiga dos antigos italianos e "oriundi". Tenta-se, assim, com um "decreto lingüístico" ressuscitar aquele italianismo como se fosse marca de mercadoria e consolidar com este termo a ideologia de um espaço.

As forças históricas do modo de produção capitalista, impulsionando as transformações do bairro, criaram novas estruturas que se consolidaram — uma indústria e uma ideologia do lazer. Ao mesmo tempo as lideranças locais e as bases remanescentes da comunidade perceberam a possibilidade de salvarem do "navrágio histórico", alguns restos para a construção de uma nova embarcação que pudesse dar continuidade à "viagem histórica". Assim, com o discurso do tradicionalismo, chamaram do "limbo da saudade" aquela população para uma luta de salvação das suas tradições — aquelas atividades que pudessem garantir a construção do "Novo Bixiga", com as sobras do "Velho Bexiga".

Uma ilusão cujo ritual se repete nas procissões da Achiropita; nas festas de São José; nas quermesses industrializadas enfeitadas com as cores da bandeira italiana. "Imaginário social, levado pela linguagem em geral suportado por imagens e símbolos determinados, comporta engodo, ilusão, mistificação. A partir de um certo limite o imaginário se separa do real exatamente então é considerado como algo real: o considerado como sendo o real".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bosi, Ecléa - Memória e Sociedade: Lembrança de Velho. Edusp. 1987
Bruno, Ernani Silva - História e Tradições da cidade de São Paulo, Livraria José Olímpio, 1953, Rio de Janeiro.

- Bettanini, Tonino - Espaço e Ciências Humanas, Ed. Paz e Terra, 1982, Rio de Janeiro.
- Carelli, Mario - Carcamanos e Comendadores, Ed. Ática, 1985. São Paulo.
- Eco, Umberto - Viagem na Irrealidade Cotidiana, Editora Nova Fronteira, 1984, Rio de Janeiro.
- Grunspin, Haim - Anatomia de um Bairro, Livraria Editora Cultura, 1979, São Paulo.
- Giuducci, Roberto - A Cidade dos cidadãos, Ed. Brasiliense, 1980, São Paulo.
- Lucena, Célia Toledo - Bixiga, Amore Mio. Editora Panartz, 1981. São Paulo.
- Lukacs, George - Prolegomenos a una Estética Marxista. Editorial Grijalbo S/A. 1965. México.
- Lefebvre, Henri - O Direito à Cidade. Ed. Documentos. 1969. São Paulo.
- Marzola, Nadia - Bela Vista. DPH-PMSP. 1985. São Paulo
- Coelho Netto, J. Teixeira - A Construção do Sentido na Arquitetura. Ed. Perspectiva. 1984. São Paulo.
- Seabra, Manoel e Rodrigues, A.M. - Habitação e Espaço Social na Cidade de São Paulo, in Boletim Paulista de Geografia. AGB, nº 64. 1987. São Paulo.
- Santos, Milton - Pobreza Urbana. Ed. Hucitec. 1978. São Paulo.

RESUMO

No presente artigo o autor objetiva estabelecer as relações entre a produção do espaço geográfico e a aparição da instância ideológica deste espaço.

O bairro do Bexiga, localizado na cidade de São Paulo, tendo em vista suas características particulares foi escolhido para estudo de caso. Trata-se de um bairro tradicional de imigrantes italianos, cuja imagem criada pela mídia, como um cartão postal da cidade, é vendida para a população, tornando-se centro de atração turística.

ABSTRACT

On this paper, the author, objectives to establish relations between the geographic space and his ideologic vision.

The Bexiga quarter, situated in São Paulo city, is a peculiar quarter, and it has many interesting characteristic. Because of this, the author choosed it like a study case.

Bexiga is a traditional italian immigrate quarter, which the mass media shows like a postal card of São Paulo. This image, sold to the population transformed the Bexiga in a center of turistic attraction.